

CENTOPÉIAS (ARTHROPODA, CHILOPODA) NA CONCEPÇÃO DOS MORADORES DO POVOADO DE PEDRA BRANCA, BAHIA, BRASIL

Eraldo Medeiros Costa Neto

Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Biológicas, Laboratório de Etnobiologia, Km 03, BR 116, Campus Universitário, CEP 44031-460, Feira de Santana, Bahia, Fone/Fax: 75 32248019 – eraldont@hotmail.com

Abstract: This paper records how the inhabitants of the village of Pedra Branca, Bahia State perceive, know and behave towards centipedes (Arthropoda, Chilopoda). As this is the first time that an ethnozoological study is made concerning these arthropods, here is founded a new field of research, ethnomyriapodology, which is defined as the interdisciplinary study of the interactions between human beings and these myriapods. Fieldwork was conducted from February to June 2005 by means of open-ended, tape-recorded interviews with 28 inhabitants, whose ages ranged from 13 to 86 years old. Results show that the local species of Chilopoda are labeled with different folk names. These lexemes, especially "lacrau" and "lacraia", are to be considered as an ethnotaxonomic complex. Further, the centipedes are perceived, identified and classified as "insects". People also believe that centipedes transform themselves into snakes. Some aspects of centipedes' biology, ecology, food habits, and behavior were recorded. The centipede characteristic which gave rise to the greatest number of comments was the negative perception of their venomousness. The folk zoological knowledge about centipedes of Pedra Branca's inhabitants is coherent with academic knowledge.

Key words: Chilopoda, ethnozoology, ethnomyriapodology, arthropodosis, perception, Bahia, Brazil.

Los ciempiés (Arthropoda, Chilopoda) según la percepción de los habitantes del poblado de Pedra Branca, Bahía, Brasil

Resumen: Se discute cómo los habitantes del poblado de Pedra Branca, en el estado de Bahía, en el nordeste de Brasil, conciben, conocen y se comportan ante los ciempiés (Arthropoda, Chilopoda). Como es la primera vez que se hace un estudio etnozoológico en relación con estos artrópodos, aquí se funda un nuevo campo de investigación, la etnomiriapodología, que se define como el estudio interdisciplinar de las interacciones entre los seres humanos y estos miriápodos. El trabajo de campo se realizó de febrero a junio del 2005 a través de entrevistas semi-estructuradas y grabadas con 28 habitantes del pueblo, cuyas edades oscilaban entre 13 y 86 años. Los resultados muestran que las especies locales de Chilopoda se etiquetan con diferentes nombres nativos. Estos lexemas, especialmente "lacrau" y "lacraia", se consideran como un complejo etnotaxonomico. Además, los ciempiés son percibidos, identificados y clasificados como "insectos". La gente también cree que los ciempiés pueden transformarse en culebras. Se registraron algunos aspectos de la biología, ecología, hábitos alimentarios y comportamiento de los ciempiés. La característica más comentada de este animal es la percepción negativa de su veneno. Se concluye que el conocimiento zoológico tradicional de los habitantes de Pedra Branca sobre los ciempiés es coherente con el conocimiento académico.

Palabras-clave: Chilopoda, etnozología, etnomiriapodología, arthropodosis, percepción, Bahía, Brasil.

Introdução

As centopéias são artrópodes pertencentes ao Subfilo Mandibulata, Super Classe Myriapoda, Classe Chilopoda (do grego *chilioi* = mil). São animais que apresentam corpos delgados, compridos, segmentados e achatados dorso-ventralmente, lembrando piolhos-de-cobra (Diplopoda) de uma maneira geral. Possuem uma cabeça bem diferenciada e provida de mandíbulas, mas não existe uma diferenciação entre tórax e abdome. As centopéias são distinguidas por possuírem apenas um par de pernas por segmento, cujo número varia de 15 a mais de 180. Nenhuma espécie tem 100 pernas, como o nome comum do grupo sugere (Hogue, 1993). O último par de pernas é sensorial ou defensivo e não locomotor, e os dois últimos segmentos do tronco não têm pernas (Ruppert & Barnes, 1996). A maior centopéia, *Scolopendra gigantea* Linnaeus, 1758, chega a atingir quase 30 cm de comprimento (Ruppert & Barnes, 1996).

São animais solitários, representados por espécies que vivem em climas quentes. Em todo o mundo, são conhecidas cerca de 1.100 espécies, mas as estimativas são de que existem aproximadamente 2.500. Para a região Neotropical, há cerca de 200 espécies descritas, das quais 150 vivem no

Brasil (Knysak & Martins, 1999). Os quilópodes se distribuem em cinco ordens: Geophilomorpha, Scolopendromorpha, Lithobiomorpha, Scutigleromorpha e Craterostigmomorpha (esta presente apenas na Tasmânia e Nova Zelândia) (Teixeira *et al.*, 1999; Knysak & Martins, 1999).

A aparência repulsiva culturalmente percebida pela maioria dos seres humanos provavelmente é a razão pela qual as centopéias sejam consideradas como perigosas e quase sempre exterminadas (Breene, 2005). Infelizmente esta fobia é preocupante, uma vez que as centopéias cumprem um papel decisivo na natureza ao controlar muitas espécies de insetos das quais se alimentam. Apesar da visão negativa prevalecer na relação cultural ser humano/quilópodes, observa-se que as centopéias vêm desempenhando papéis significativos na medicina, religião, mitologia, literatura, artes gráficas e plásticas, recreação e alimentação de quase todas as sociedades humanas. No Egito Antigo, a centopéia era símbolo do deus Sepa, um deus funerário venerado em Heliópolis e invocado contra os animais malignos e os inimigos dos deuses (Melic, 2003). Segundo este autor, a centopéia era considerada um animal

da terra, enquanto a serpente pertencia ao céu. Era também um hieróglifo nos textos das pirâmides como parte da palavra para centopéia (Kritsky & Cherry, 2000). A cultura maia também venerava este animal (Melic, 2003). No Japão, a centopéia gigante forma parte de algumas lendas samurais (Melic, 2003). Em Barbados, acredita-se que quando uma centopéia cruza o caminho de alguém significa que o indivíduo tem um inimigo e, portanto, o animal deve ser morto. Também é costume crer que conversas sobre centopéias podem encorajá-las a invadir as residências (Forde, 1988).

Quanto ao uso na alimentação, Gordon (1998) fornece uma receita culinária envolvendo esses animais. Nas práticas médicas tradicionais a centopéia é um recurso zooterápico recomendado para o tratamento de diferentes enfermidades. Na antiguidade, o linimento de centopéia era um dos remédios comuns para tratar problemas de garganta (Stemple, 1984 in Oliveira, 2001). No México, um exemplar inteiro é colocado na aguardente, que é bebida em pequenas quantidades contra picada de cobra (Maria y Campos, 1972). Na República Dominicana, se o responsável pela picada é uma centopéia, colocam-se nove destas em uma garrafa com cachaça e passa essa mistura na parte afetada (Pimentel, 2000). Na Europa, segundo Lesser (1742 in Nomura, 2001), a infusão de pequenas centopéias em vinho era um bom remédio contra a icterícia e a retenção de urina. Em Zâmbia, África, o abdome e a glândula de veneno de várias espécies de centopéias, incluindo *Scolopendra morsitans* Linnaeus, 1758, são secos ao sol e depois moídos e transformados em um pó, que é aplicado em cortes de lâminas feitos ao redor dos pulsos, no peito e nas costas de um homem para aumentar a coragem à luta (Mbata, 1999). O medicamento homeopático *Scolopendra* obtido da centopéia asiática (*Scolopendra subspinipes mutilans* L. Koch, 1878) é recomendado para tratar dor ciática. Serve ainda para tratar casos de angina do peito, abscessos e gangrena (Schmidt, 1995). Na China, essa espécie é indicada para aliviar áreas intumescidas (Zimian *et al.*, 1997). Na Coreia do Sul, *Scolopendra* spp. são usadas para curar problemas nas articulações, pés e pernas. Também são recomendadas para o tratamento de derrame, convulsões, tétano, laringite, carbúnculo, mordida de cobra, alopecia areata (queda de cabelo com manchas brancas) e inchaços (Pemberton, 1999).

Embora pareça absurdo, o uso medicinal de centopéias não deve ser descartado pela ciência. Pesquisas clínicas e farmacológicas registraram efeitos anticonvulsivante e anti-neoplásico, uma vez que as preparações de *Scolopendra* inibiram convulsões geradas por estriquina e pentilene-tetrapol em animais de laboratório, assim como inibiram o crescimento de diversas células neoplásicas *in vitro*. Também foram obtidos efeito antifúngico e bons resultados contra a difteria (Botsaris, 1995). Deve-se esperar a descoberta de algum novo antibiótico, uma vez que as fêmeas de algumas espécies cobrem a massa de ovos com uma secreção fungicida (Beattie & Ehrlich, 2001).

Parafrazeando Gurung (2003), o conhecimento tradicional dos seres humanos sobre as espécies de centopéias com as quais convivem varia em qualidade e quantidade dependendo do interesse no assunto, do meio ambiente e da relevância desses animais para suas vidas. Considerando-se a inexistência de estudos etnozoológicos envolvendo as centopéias no Brasil, o presente estudo registra as concep-

ções, os conhecimentos e os comportamentos de uma pequena comunidade do estado da Bahia sobre esses animais. Aqui se inaugura um novo ramo da etnozootologia: etnomiriapodologia, que é definido como o estudo transdisciplinar das relações seres humanos/miriápodes.

Material e Métodos

Os dados aqui apresentados fazem parte de um estudo mais amplo, cujo objetivo é registrar a etnozootologia dos moradores do povoado de Pedra Branca, o qual está localizado na região centro-oeste do estado da Bahia a uma latitude de 12°44'30''S e longitude de 39°34'50''W. O povoado de Pedra Branca dista cerca de 13 Km da sede do município de Santa Terezinha, ao qual pertence, localizando-se no sopé da Serra da Jibóia. Este maciço serrano possui aproximadamente 22.500 ha de área, uma altitude máxima de 839 metros acima do nível do mar e está situado a uma latitude de 12°51'S e longitude de 39°28'W (Juncá *et al.*, 1999).

A região, inserida 100% no Polígono das Secas, apresenta clima semi-árido, temperatura anual média de 24,3°C e pluviosidade anual média de 582mm. O período chuvoso vai de novembro a janeiro. O solo tem aptidão agrícola regular para pastagem artificial, restrita para pastagem natural e regular para lavouras (Centro de Estatística e Informações, 1994).

Os dados foram obtidos no período de fevereiro a junho de 2005 mediante realização de entrevistas abertas e semi-estruturadas, recorrendo-se às técnicas usuais de registro etnográfico com enfoque da antropologia cognitiva (Sturtevant, 1964). As entrevistas ocorreram de modo individual ou coletivo e uma sessão durava, em média, cerca de trinta minutos.

Com base na Resolução 196/96, foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que foi lido e distribuído entre os informantes. Foram entrevistados 28 indivíduos de ambos os sexos, com idades que variaram de 13 a 86 anos. Os objetivos da pesquisa eram explicados de maneira clara no início de cada nova entrevista, perguntando-se aos moradores se consentiam em prestar informações e serem eventualmente fotografados. Poucos foram os casos em que o entrevistado não quis participar, respeitando-se sua decisão. O uso de micro-gravador foi encorajado para que o pesquisador pudesse manter contato visual com os entrevistados. A maior parte das entrevistas, portanto, foi registrada em fitas micro-cassetes e as transcrições semiliterais encontram-se mantidas no Laboratório de Etnobiologia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Com o intuito de obter espécies de quilópodes da região e de fazer uma sondagem sobre os espécimes capturados, frascos de vidro de boca larga contendo álcool 70% foram deixados em algumas residências. A coleta desses espécimes por parte dos próprios informantes possibilitou a realização de testes projetivos, quando os indivíduos eram questionados sobre o conteúdo dos frascos, registrando-se os nomes populares, o conhecimento local e as impressões a respeito dos organismos e possíveis usos. Diferentes animais freqüentemente eram mantidos nesses frascos: lagartos, sapos e rãs, escorpiões, aranhas, insetos e diplópodes. Eles foram levados para a UEFS para identificação taxonômica e posteriormente serão depositados nas coleções científicas do Museu de Zoologia da UEFS.

Os dados foram analisados segundo o modelo de união das diversas competências individuais (Hays *in* Marques, 1991). Segundo este modelo, toda informação pertinente ao assunto pesquisado é considerada. Os controles foram feitos através de testes de verificação de consistência e de validade das respostas (Marques, 1991), recorrendo-se a entrevistas repetidas em situações sincrônicas e diacrônicas. As primeiras ocorrem quando uma mesma pergunta é feita a pessoas diferentes em tempos bastante próximos e as segundas, quando uma pergunta é repetida à mesma pessoa em tempos bem distintos.

Resultados e Discussão

Em Pedra Branca, os representantes dos Chilopoda são conhecidos pelos seguintes nomes comuns: lacrau (43% dos informantes), lacraia (21%), socopeu (11%), lacrau-de-duas-cabeças (3%), acentopéia (3%), santopéia (3%) e piolho-de-cobra (3%). Segundo os entrevistados, existem vários tipos desses animais na região (“De toda nação”). Aparentemente, a forma alongada e segmentada do corpo, o grande número de pares de patas, as cores aposemáticas, as antenas (barbas ou chifres) e o último par de pernas que lembra um apêndice, chamado de gancho, tesoura ou dente, parecem ser as características mais marcantes que os moradores de Pedra Branca utilizam para identificar um animal como “lacrau”, como demonstram os depoimentos abaixo:

“Lacraia ou santopéia, tem mais de mil pernas. Tipo um gongo. Agora é gorda e grande. A barriga é amarela e as perninha amarela. Anda ligeira” (Dona M., 59 anos).

“Lacrau é igual ao gongo, mas tem perna como o diabo!” (Seu A., 72 anos).

É grosso, cheio daquelas perna. Cheio de nó. Parece que é emendado (Dona E., 86 anos).

“O lacrau é cheio de perna e tem casco que nem tatu. Tem uns lacrau desse tamanho! As costas é um preto-azulado, as barbas amarela e a barriga amarela. Ele tem duas tesoura atrás na cauda” (Dona P., 70 anos).

No sistema de classificação etnozoológico dos moradores de Pedra Branca, os lexemas acima, especialmente “lacrau” e “lacraia”, devem ser considerados como um complexo etnotaxonômico, uma vez que estes vocábulos são usados para se referir tanto aos insetos da ordem Dermaptera (“De certo meio da bunda pra trás é todo preto. Pra cabeça, preto com listrado branco. Tem pouca perna. São seis perninha. Tem a tesourinha na bunda também”, L., 28 anos) quanto aos escorpiões (“Tem um que fica perto de licuri e o pessoal chama de escorpião. Tem uma cinta branca. Aquele que tem as pernas amarelas”, Dona, L., 56 anos), além dos próprios quilópodes. O lexema “socopeu” parece ser usado especialmente para se referir aos quilópodes maiores da ordem Scolopendromorpha.

A identificação de dermápteros como lacraus deve-se à sua morfologia, uma vez que esses insetos são considerados perigosos por causa das tenazes do seu último segmento abdominal, que se abrem e fecham, mas na verdade são inofensivas (Nomura, 2001). Denominar alguns tipos de centopéias como “escorpião” provavelmente se deva ao nome comum que geralmente é dado a este aracnídeo, que inclusive no idioma espanhol é chamado de alacrán (Hogue, 1993). Por outro lado, embora um dos entrevistados tenha chamado a centopéia de piolho-de-cobra, este nome comum

é mais apropriado para os espécimes de diplópodes, que na região são conhecidos genericamente como gongos (o conhecimento tradicional sobre estes miriápodes será discutido em um artigo à parte). Como Gurung (2003) salienta, os nomes comuns carregam os princípios de classificação e podem revelar bastante sobre como uma determinada comunidade conceitua os elementos faunísticos de seu meio ambiente. Porém, dar nomes aos animais nem sempre indica uma habilidade para identificar acurada e consistentemente.

A discussão em torno da etnotaxonomia das centopéias torna-se mais intrincada ao considerar que esses animais são percebidos, identificados e classificados como “insetos”. O modo como os moradores de Pedra Branca percebem e se expressam com relação aos “insetos” evidencia os sentimentos e as reações de desprezo, medo e aversão que as comunidades humanas, em graus variados, demonstram pelos animais que compõem a categoria “inseto” (como, por exemplo, ratos, morcegos, lagartos, serpentes, sapos, moluscos, lesmas, minhocas, escorpiões, aranhas, entre outros) (Costa Neto, 2002). O domínio etnozoológico “inseto” parece ocorrer como um padrão nos sistemas de classificação etnobiológicos (Costa Neto & Pacheco, 2004). Este padrão foi explicado pela hipótese da ambivalência entomoprojetiva, segundo a qual, os seres humanos tendem a projetar sentimentos de nocividade, periculosidade, irritabilidade, repugnância e menosprezo a animais não-insetos (inclusive pessoas), associando-os à categoria “inseto” determinada culturalmente (Costa Neto, 1999). Desse modo, o lacrau é identificado como um “inseto” e classificado dentro desta etnocategoria devido não apenas às características morfológicas totais, mas principalmente pelo caráter nocivo associado com o grupo.

O entendimento da etnotaxonomia das centopéias também envolve o conhecimento sobre a transformação biológica desses artrópodes em outros animais, como se observa no seguinte trecho de entrevista: “O povo diz que vira cobra” (Dona P., 70 anos). Este registro é importante porque afeta o modo como os indivíduos percebem e classificam as relações entre diferentes categorias de animais (Ellen, 1985). Desse modo, os estudos voltados à análise de classificações etnozoológicas devem levar em conta tanto a etnoontogenia quanto os processos de biotransformação, os quais resultam significativos na formação e estruturação dos elementos que compõem os domínios de uma dada etnotaxonomia zoológica.

De acordo com os moradores entrevistados, as centopéias são encontradas em diferentes lugares, como se observa nos depoimentos abaixo:

“Só vive dentro do baceiro. Ele gosta de casa coberta de palha de licuri, de indaiá” (Dona P., 70 anos).

“Só fica debaixo do bagaço, podridão de bagaço” (Seu E., 66 anos).

“O lacrau gosta de dar dentro de casa, especialmente quando tinha casa de palha” (Dona V., 58 anos).

“Vive pelo lixo, pelo chão, pelos pé de árvore” (Dona D., 70 anos).

As centopéias estão adaptadas para viverem em diferentes ambientes: no solo (Geophilomorpha), em fendas sob rochas, sob entulhos úmidos, folhas, cascas de árvores e troncos e no solo (Scolopendromorpha e Lithobiomorpha) e nas e ao redor das habitações humanas (Scutigermorpha) (Ruppert & Barnes, 1996). *Scutigera coleoptrata* (Linnaeus,

1758) é freqüentemente encontrada presa em banheiras e pias (Ruppert & Barnes, 1996). Durante o dia ficam escondidas sob pedras e outros locais escuros e úmidos. Quando trazidas à luz, iniciam uma fuga procurando a sombra (Sebilha, 1989).

Na percepção dos indivíduos entrevistados, as centopéias são observadas com maior freqüência durante os meses mais quentes do ano, que correspondem ao “verão” (“Tempo de verão aparece mais”, Seu A. M., 78 anos). Nesse período é comum ocorrerem as chamadas “trovoadas” (“Aparece em época de trovoada”, D., 34 anos).

Com relação ao hábito alimentar, os entrevistados afirmaram que as centopéias se alimentam de insetos e aranhas (“Gosta de vim pra dentro de casa pra pegar barata, aranha”, Dona P., 70 anos); por sua vez, as centopéias servem de alimento para répteis, aves e mamíferos (“Galinha, alma-de-gato, mico comem insetos”, D., 34 anos; “Cobra, gato e galinha comem o socopeu”, Seu A., 77 anos).

As lacraias são ativas à noite, quando caçam insetos, vermes, aranhas e lesmas (Nomura, 2001). Alguns dos espécimes maiores (*Scolopendromorpha*) podem se alimentar de pequenos lagartos, aves, cobras, sapos, rãs, morcegos e até de filhotes de roedores (Molinari *et al.*, 2005). Muitos outros se alimentam de material vegetal em decomposição ou são necrófagos (Breene, 2005). Sendo predadores agressivos, as centopéias obtêm a presa viva, imobilizando-a com as patas traseiras e os demais pares de garras e a matam perfurando-lhe a carne com as pinças forcipulares (1º par de patas modificadas em garras) e injetando a peçonha (Sebilha, 1989).

Entre alguns dos indivíduos entrevistados, a centopéia é considerada tão perigosa quanto uma serpente, acreditando-se ainda que a “arma” responsável pelos acidentes é a “cauda”, como comprovam os depoimentos abaixo:

“Significa a mesma coisa da cobra. É o mesmo veneno. Prende com aquela tesoura. No fim tem um espinho. Tá o veneno na cauda” (Dona E., 56 anos).

“A lacraia [...] tem a frente e a arma dela é na cauda. Dois dentes atrás [...]” (Dona N., 56 anos).

Tal percepção é corroborada por outros dois moradores: “Bicho brabo. Tem inseto brabo nessa serra. Tem cada uns inseto ruim” (A., 40 anos); “Esses inseto tudo têm um venozinho” (Dona L., 57 anos). Uma inusitada observação feita por um dos entrevistados sugere que a possível fonte do “veneno” da centopéia resulta de sua alimentação: “Chupa sangue de sapo e tudo. Quem sabe se é por isso que ele (referindo-se ao lacrau) é venenoso?” (Dona E., 66 anos). Além de ser “venenoso”, o lacrau é um “bicho também contagioso”. Uma senhora contou que seu irmão, quando pequeno, mordeu um desses animais e ficou com a cavidade oral cheia de bolhas. Entre as medidas profiláticas contra a “mordida” desses animais, registraram-se as seguintes: colocar um lacrau inteiro dentro de uma garrafa de aguardente e beber o líquido quando alguém for “ofendido” por esse animal; passar óleo de castanha na região atingida e esperar pelo alívio dos efeitos da “ofensa”; passar álcool. Além disso, também foi registrada a seguinte simpatia: “O povo diz que se morder tem que contar as pernas, se não uma pessoa da família morre. Isso aí é superstição do povo” (J., 13 anos).

Entre os miriápodes, os quilópodes são os únicos verdadeiramente peçonhentos. O primeiro segmento conta com

duas grandes presas, denominadas forcípulas, originadas a partir do primeiro segmento do tronco, que atuam como órgãos de defesa, sendo capazes de injetar veneno contido em glândulas no tronco do animal. A peçonha é um líquido límpido, homogêneo, transparente e de pH ácido. Está constituída por uma mistura complexa, cuja composição química varia entre as espécies, mas que basicamente consta de duas partes, uma protéica e outra não protéica (Monzón Muñoz & Blasco Gil, 1997). Pelo menos em algumas espécies são encontrados os seguintes compostos: proteínas, lipídios, lipoproteínas, histamina, hialuronidade, polipeptídeos e proteinases (Rodríguez-Acosta *et al.*, 2000). Uma proteína cardiotoxicidade, instável ao calor, foi isolada (Guenneugues & Ménez, 1997). Monzón Muñoz & Blasco Gil (1997) salientam que os extratos aquosos da peçonha possuem efeitos importantes na coagulação sangüínea, concretamente ativamente o sistema da fibrinólise.

A sintomatologia decorrente do acidente com centopéias geralmente é apenas local, com dor instantânea, intensa, tipo queimação, que cede em aproximadamente 24 horas, acompanhada de hiperemia e discreto edema local (Barroso *et al.*, 2001). Menos freqüentemente, ocorre dor irradiada, edema mais importante, necrose local, linfadenite, linfangite e sintomas sistêmicos como febre, tremores, calafrios, sudorese, dispnéia, cefaléia, vômito e ansiedade. Segundo Cardoso & Haddad Júnior (2003), deve-se esperar uma resolução espontânea sem complicações. O local deve ser lavado com água e sabão e o uso de compressas frias deve ser tentado. A aplicação de analgésicos sistêmicos é fundamental para o controle da dor. Parece que quadros graves são bastante duvidosos. No entanto, Bücherl (1943 *in* Barroso *et al.*, 2001) menciona registros na literatura médica de casos de óbitos humanos causados pela picada de escolopendras nas Filipinas e na Índia, nesta provavelmente envolvendo a espécie *Scolopendra subspinipes subspinipes* Leach, 1815.

As centopéias apresentam outros mecanismos de defesa além da peçonha. Alguns escolopendromorfos apresentam o último par de pernas coberto com espinhos, que pode ser utilizado em defesa para picar (Breene, 2005). Quando perturbadas, as centopéias podem fazer pingar material nocivo das glândulas repugnatórias de suas pernas enquanto correm. Esse material pode penetrar no tecido humano através das feridas causadas pelas garras e deixar um rasto de pele inchada (Breene, 2005).

Esses artrópodes também desenvolveram duas versões bem diferentes de um exsudado de defesa viscoso, que usam contra aranhas, formigas e outros predadores pequenos. Um grupo de centopéias, as litobiídeas, libera filamentos pegajosos das pernas da parte final do corpo, enquanto que as geofilídeas liberam um líquido coberto de cola das glândulas localizadas na face ventral (Waldbauer, 2003).

Conclusão

O conhecimento zoológico tradicional dos moradores de Pedra Branca em relação aos representantes da classe Chilopoda é relativamente coerente com o conhecimento acadêmico. O fato de estes animais serem identificados e classificados como “insetos” torna necessário o desenvolvimento de estudos mais direcionados ao entendimento da etnotaxonomia zoológica da região.

O conjunto complexo de sentimentos, pensamentos e comportamentos direcionados a esse grupo animal e demais artrópodes traduz-se em um recurso valioso que deve ser considerado tanto nos processos de desenvolvimento da região, como na possível transformação da área em algum tipo de Unidade de Conservação, quanto em estudos de inventário da fauna local. Por outro lado, o seguimento de estudos etnozoológicos que enfatizem a importância cultural das centopéias representa uma importante contribuição à questão da biodiversidade e abre possibilidades para a valorização de espécies que são tidas como sem valor e/ou perigosas.

Referências Bibliográficas

- BARROSO, E., A. S. V. HIDAKA, A. X. DOS SANTOS, J. D. M. FRANÇA, A. M. B. DE SOUSA, J. R. VALENTE, A. F. A. MAGALHÃES & P. P. DE O. PARDA 2001. Acidentes por centopéias notificados pelo "Centro de Informações Toxicológicas de Belém", num período de dois anos. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*, **34**(6): 527-530.
- BEATTIE, A. & P. R. EHRLICH 2001. *Wild solutions: how biodiversity is money in the bank*. New Haven: Yale, University Press. 239 pp.
- BOTSARIS, A. S. 1995. *Fitoterapia chinesa e plantas brasileiras*. São Paulo, Ícone. 550 pp.
- BREENE, R. G., III. 2005. Sinister centipedes. *Forum*, **6**(6). Disponível online em <html://www.atshq.org/articles/centipedes.html> Acesso em 12 abr. 2005.
- CARDOSO, J. L. C. & V. HADDAD JÚNIOR 2003. Acidentes por coleópteros vesicantes e outros artrópodes. In: CARDOSO, J. L. C., FRANÇA, F. O. DE S., WEN, F. H., MÁLAQUE, C. M. S. & HADDAD JÚNIOR, V. orgs. *Animais peçonhentos no Brasil: biologia, clínica e terapêutica dos acidentes*. São Paulo: SARVIER. pp. 258-264.
- CENTRO DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÃO 1994. *Informações básicas dos municípios baianos: recôncavo sul*. Salvador: Governo do Estado da Bahia. pp. 543-563.
- COSTA NETO, E. M. 1999. A etnocategoria "inseto" e a hipótese da ambivalência entomoprojetiva. *Acta Biológica Leopoldensia*, **21**(1): 7-14.
- COSTA NETO, E. M. 2002. *Manual de Etnoentomologia*. Zaragoza: Manuales & Tesis S. E. A., **4**: 1-104.
- COSTA NETO, E. M. & J. M. PACHECO 2004. A construção do domínio etnozoológico "inseto" pelos moradores do povoado de Pedra Branca, Santa Terezinha, estado da Bahia. *Acta Scientiarum Biological Sciences*, **26**(1): 81-90.
- ELLEN, R. F. 1985. Species transformation and the expression of resemblance in Nuauulu ethnobiology. *Ethnos*, **1**(2): 5-14.
- FORDE, G. A. 1988. *Folk beliefs of Barbados*. Barbados, The National Cultural Foundation. 47 pp.
- GORDON, D. G. 1998. *The eat-a-bug cookbook*. Berkeley, Ten Speed Press. 102 pp.
- GUENNEUGUES, M. & A. MÉNEZ 1997. Structures et fonctions de toxines animales. *Comptes Rendus des Séances de la Société de Biologie*, **191**(3): 329-344.
- GURUNG, A. B. 2003. Insects – a mistake in God's creation? Tharu farmer's perception and knowledge of insects: a case study of Gobardiha Village Development Committee, Dang-Deukhuri, Nepal. *Agricultural and Human Values*, **20**: 337-370.
- HOGUE, C. L. 1993. *Latin American insects and entomology*. Berkeley, University of California Press. 536p.
- JUNCA, F.A., M.A. FREITAS, L. ALVES, W. GUERREIRO & E. PASCHOAL 1999. Herpetofauna da Serra da Jibóia - Bahia: novas ocorrências. In: *Encontro de Zoologia Do Nordeste*, **12**, 1999, Feira de Santana. *Resumos*. Feira de Santana: UEFS. p. 412.
- KNYSAK, I. & R. MARTINS 1999. Myriapoda. *Biodiversidade do Estado de São Paulo, Brasil: síntese do conhecimento ao final do século XX*. In: JOLY, C. A. & BICUDO, C. E. M. orgs. São Paulo, FAPESP. pp. 67-72.
- KRITSKY, G. & CHERRY, R. 2000. *Insect mythology*. Lincoln, Writers Club Press. 140 pp.
- MARIA Y CAMPOS, T. DE. 1972. Los animales en la medicina tradicional mesoamericana. *Anales de Antropología*, **16**: 183-223.
- MARQUES, J.G.W. 1991. *Aspectos ecológicos na etnoictologia dos pescadores do Complexo Estuarino-lagunar Mundaú-Manguaba*. Tese (Doutorado em Ecologia). Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- MBATA, K. J. 1999. Traditional uses of arthropods in Zambia: II. Medicinal and miscellaneous uses. *The Food Insects Newsletter*, **12**(2): 1-7
- MELIC, A. 2003. De los jeroglíficos a los tebeos: los artrópodos en la cultura. *Boln. S.E.A.*, **32**: 325-357.
- MOLINARI, J., E. E. GUTIÉRREZ, A. A. DE ASCENÇÃO, J. M. NASSAR, A. ARENDS & R. J. MÁRQUEZ 2005. Predation by giant centipedes, *Scolopendra gigantea*, on three species of bats in a Venezuelan cave. *Caribbean Journal of Science*, **41**(2): 340-346.
- MONZÓN MUÑOZ, F. J. & R. M. BLASCO GIL 1997. Patología causada por artrópodos de interés toxológico y alergológico. *Boln. S.E.A.*, **20**: 193-215.
- NOMURA, H. 2001. *Os animais no folclore: aracnídeos e mirípodos*. Mossoró, Fundação Vingt-Um Rosado. 50 pp. (Coleção Mossoroense, série "C", v. 1237).
- OLIVEIRA, E. C. DE. 2001. *A influência das ervas na voz*. Monografia (Especialização em Voz). Curitiba, Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica. 42 pp.
- PEMBERTON, RW. 1999. Insects and other arthropods used as drugs in Korean traditional medicine. *Journal of Ethnopharmacology*, **65**: 207-216.
- PIMENTEL, R. D. 2000. Insectos y otros organismos en la medicina vernácula dominicana. *Revista de Medicina Dominicana*, **61**(3): 254-255.
- RODRIGUEZ-ACOSTA, A., J. GASSETTE, A. GONZÁLEZ & M. GHISOLI 2000. Centipede (*Scolopendra gigantea* Linnaeus 1758) envenomation in a newborn. *Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo*, **42**(6): 341-342.
- RUPPERT, E. E. & R. D. BARNES, 1996. *Zoologia dos invertebrados*. 6ª ed. São Paulo, Roca. 568 pp.
- SCHMIDT, M. 1995. Venenos também curam. *Ecologia e Desenvolvimento*, **52**: 4-15.
- SEBILIA, A. S. C. 1989. *Animais perigosos ao homem: guia preventivo e terapêutico*. São Paulo, Nobel. 99 pp.
- STURTEVANT, W. C. 1964. Studies in ethnoscience. *American Anthropologist*, **66**(3): 99-131.
- TEIXEIRA, M. D., N. PAPAVERO & J. R. PUJOL-LUZ 1999. *Do Rio de Janeiro a Cuiabá: notícia sobre os produtos naturais do Brasil por um autor anônimo do século XVIII*. 6. Capítulo VII: "Notícia de varios bichos e insectos q' se conhecem no Brasil, com a distinção e circunstâncias q' se poderão descobrir a este respeito". *Historia naturalis*, **26**(6): 135-146.
- WALDBAUER, G. 2003. *What good are bugs? Insects in the web of life*. Cambridge, Harvard University Press, 366 pp.
- ZIMIAN, D., Z. YONGHUA & G. XIWU 1997. Medicinal insects in China. *Ecology of Food and Nutrition*, **36**(2/4): 209-220.